

## MURILO AINDA MENDES

Raúl Antelo

“Abel queima alguns carneiros  
Com o fim de valorizar,  
Depois oferece ao Senhor  
Os outros que lhe sobraram;  
Ele gostou, paga bem.  
Caim oferece trigo,  
A mercadoria não agrada;  
O Senhor compra carneiros  
Pros banquetes celestiais.  
Caim, louco, sem dinheiro,  
Pega com raiva o fuzil,  
Espera Abel numa curva,  
Sapeca um tiro certo,  
Toma os carneiros do morto,  
Fica senhor do mercado.”

### Murilo Mendes

Nesta “Luta de classes”, poema verde que ora reencontro nas páginas pioneiras de *Espírito Novo* — revista carioca da vanguarda estética e ideológica de 1934 — Murilo Mendes situa, em molde mítico, um motivo por ele explorado com obsessão: o da divisão do ser. Nesta luta insubmissa entre irmãos, transparece o tema que floresceria ainda em outros poemas de sua autoria: “Choro do poeta atual”, “Filho do século” ou “Meu duplo”, este último escrito na soleira estadonovista, setembro 1937.

Do narcisismo primitivo — o dioscurismo, tão forte em outros modernistas como Mário de Andrade — o ser multiplicado, produto de enfrentamento e índice do conflito, caminha para seu oposto: a ameaça de um rival que, em última instância, é a Morte, limite de todo prazer. Mercê da angústia e da culpa, o duplo transforma-se em sua inversão: perseguidor contumaz do sujeito e sinal da imortalidade frustrada. De tal

sorte que é curioso observar como, em termos teóricos e estéticos, Murilo Mendes tenta conciliar aquilo que sua poética cinde e explora.<sup>1</sup>

Astrojildo Pereira, crítico percuciente, já observara em Murilo Mendes uma das vozes poéticas mais fortes e possantes surgidas nos anos trinta. Definia sua polissemia poética como um torpedo em desvario, carregado de explosivo lírico, na mais furiosa dissociação de emoções e de conceitos possível de imaginar. No entanto, a rígida estética unívoca de Astrojildo fazia certas restrições à polissemia muriliana, gratuita, desde que não comandada pela dialética materialista. Menos dogmático, empa-lhador Mário de Andrade podia observar e interpretar a cisão da instância subjetiva como uma forma ideológica.<sup>2</sup>

Com efeito, Murilo Mendes é um dos mais peculiares poetas desdo-brados de trinta. Sua busca sintoniza exemplarmente com o projeto de outros escritores nucleados na *Revista Acadêmica* de Murilo Miranda. Essa revista, em que Murilo Mendes publicou uma série de poemas e pequenos textos críticos, representava, no Rio de Janeiro de quase cin-quenta anos passados, as inclinações mais ousadas do tempo, revivifi-cando o espírito de vanguarda internacionalista do Modernismo heróico. Típico representante do grupo, o autor de *Poesia em pânico* revela a inquietação de uma identidade não cristalizada. Sendo fluido, cinde-se, como bom modernista. Sente-se, de um lado, cidadão de mundos que nunca viu, “deitado na rede mole/ que todos os países embalçam”. Como poeta do subdesenvolvimento, porém, não deixa de registrar uma ânsia de libertação.

A estrutura contraditória do homem condiciona, desta maneira, o ponto de vista do poeta, que oscilará entre o registro sério de segura e impotência — “sem tradição, sem costumes, sem lendas” — vinculando-se à posição de um Mário de Andrade, nem preto nem vermelho mas só branco: de síntese e vazio. Ou ainda de um Drummond de Andrade, fraco e sem Deus, mas comovido e angustiado. Como para o poeta de Itabira, também para Murilo, espaço e tempo tornam-se categorias atordoantes. Posso ver em seus poemas dessa fase um duplo movimento, índice da identificação impossível com o conhecido.

O movimento futuro-vertical (“As formas futuras esperam pacien-temente no fundo dos corpos/ porque elas evoluem em sentido vertical”) liga-se ao surrealismo e à revelação ao passo que o outro eixo — antes e atrás — evoca o niilismo e o pecado, a degradação na vida anônima. Nessa linha se situa a nostalgia materna, uma mãe cheia de rendas e tonta de piano (e dipiano) que lhe cai num álbum de retratos. Ora na evocação de Cláudia, nas páginas de *Na idade do serrote*, ora num poema como “S.”, a contradição instigante destaca uma abjeção implacável.

O erro e a errança fazem com que a vivência do desdobramento se torne insuportável, a ponto de exigir o paliativo da fé: um mundo onde o eu errado se redima na identificação com o Pai e a Lei, purificadores da tríade perversa. “Iremos encontrar a esfinge/ fora das três dimensões”, confessa em “O mistério de Saint-Romain”. Sem saída, o poeta pune-se na ladainha de “14 de julho”.

A poesia de Murilo Mendes é poesia pânica, poesia ritualística e cindida, degradada e profana. É, no sentido grego, *kolossós* da sua *psyche* errante, poesia de passagem, porque seu duplo é o código. O duplo, em Murilo como nos outros poetas “acadêmicos”, constitui-se em pivô de um curioso diálogo. Ele é o canal entre o aquém e o além, o masculino e o feminino, o patente e as sombras. O duplo, cisão da subjetividade, é ainda embaralhador de categorias. Assim, para Murilo como para aquele Pierre Ménard, autor do Quixote, o passado não é senão uma projeção anterior do futuro. Nesse tecido, porém, a angústia do sem-saída persegue o poeta porque as leis impõem-se peremptórias — sem embargo tácitas, no dizer de Drummond.

O Murilo Mendes que aqui recuperamos é um poeta dilacerado entre um eu de elevadas intenções, revolucionário e consciente, e um outro que é sua contrafação, carente e limitado, em permanente disposição. Nessa tensão entre o normal e o estranho situa-se o sinistro: o *gauche*, o Outro. E se esse Outro habita nos textos, vamos a eles.<sup>3</sup>

(1) Isto é facilmente observável na saudação que Murilo dirigiu a Getúlio Vargas, por ocasião de sua visita à Exposição de Cândido Portinari, e que a *Revista Acadêmica* incluiu no número de homenagem ao pintor (48, fev. 1940). Transcrevo o discurso pouco lembrado:

“Sr. Presidente Getúlio Vargas:

“A arte possui, entre outras, uma missão educativa e civilizadora: a de elevar o nível da cultura, aproximando os homens entre si. O nosso tempo voltou de novo a compreender esta alta verdade, abandonada pelas teorias individualistas dos últimos séculos. Uma das ruinosas conseqüências dessa atitude individualista foi a separação que se verificou entre o artista e o mundo exterior, principalmente entre o mundo social e político. Encerravam-se os artistas na sua vaidade, no seu orgulho e no seu exagerado pessimismo. Ninguém os compreendia.

“Hoje, felizmente, realiza-se um esforço de equilíbrio entre a vida do artista, entre seu mundo interior — que lhe vem do princípio, com suas imagens, reflexões e sensações — e o mundo natural, o social e o político.

“A obra de Cândido Portinari transbordou do seu modesto atelier, vem caminhando para as ruas, para os edifícios públicos, isto é,

transbordou do interesse privado, assumindo um caráter nacional e, mesmo — não receíamos dizê-lo — universal. De agora em diante ninguém mais lhe poderá ser indiferente. Ou a louvamos ou a combatemos. Nós, entretanto, estamos aqui para louvá-lo. Os atuais artistas brasileiros pouparão à geração posterior o trabalho de fixar o julgamento sobre esta obra, pois nós não necessitamos do recuo do tempo para classificar seu valor. Ela representa um imenso acúmulo de experiências plásticas e humanas. É variada, extensa e profunda. Sente-se nela o contato poderoso com a terra, ao mesmo tempo que é refinada e sutil. Todas as classes da sociedade perpassam nesta vasta galeria. A beleza de nossas patrícias é glorificada com o mesmo carinho com que é exaltada a tarefa humilde e fecunda do trabalhador dos nossos campos. A obra de Portinari é uma síntese harmoniosa de fantasia poética e de verdade plástica.

“Sr. Presidente, o gesto do governo, pondo à disposição de Portinari as salas da Escola Nacional de Belas Artes para nelas realizar sua extraordinária mostra de pintura, repercutiu de maneira mais simpática no meio dos artistas brasileiros, principalmente entre aqueles que há muito acompanham de perto a carreira deste grande pintor.

“Vemos nisto um sinal dos tempos. O chefe do Estado revela assim que está bem atento a todas as manifestações da sensibilidade e da inteligência, estimulando a aproximação entre os artistas e os poderes públicos. Estamos certos de que tais facilidades se estenderão também a outros artistas. Outro não é, a nosso ver, o pensamento do nosso esclarecido Ministro da Educação, que tem procurado se cercar dos melhores elementos da nossa inteligência, prestigiando-os por todas as maneiras ao seu alcance, e a quem se deve em boa parte o êxito desta exposição.

“Quando o governo encarregou Portinari de decorar algumas salas do edifício do Ministério da Educação e Saúde, sentimos que qualquer coisa estava mudada neste país. E, de fato, está. Observa-se, por toda a parte, embora obscuramente, a necessidade de entrosar o Brasil no ritmo das realizações modernas. O governo está consciente disto. A presença de V. Ex. neste recinto é a melhor prova de que o governo vê e ouve. Os artistas brasileiros, por meu intermédio, agradecem a V. Ex. a sua preciosa colaboração no sentido do levantamento do nível de nossa consciência artística coletiva.”

(2) Vide PASTOR, Gildo (pseud. Astrojildo Pereira): “O lirismo dialético do duplo Murilo Mendes”, *Revista Acadêmica*, nº 44, Rio de Janeiro, jun. 1939, e ANDRADE, Mário de: “A poesia em pânico” (9-IV-939), artigo incluído em *O empalhador de passarinho* (1943). Mário deixou, ainda, expressivas notas de leitura no seu exemplar de *Poesia em pânico*, hoje conservado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

(3) Nas páginas da *Revista Acadêmica*, Murilo Mendes publicou: “14 de julho” e “Epigramas. O poeta fascista. Poesia e petróleo”, nº 8, ago. 1935; “O mistério de St. Romain”, nº 9, s.d.; “Carta marítima”, nº 28, jun. 1937; “A única”, nº 31, out. 1937; “Meu duplo”, nº 32, nov. 1937; “A cartomante”, nº 43, abr. 1939; “Dois pequenos poemas”, nº 45, ago. 1939; “S.”, nº 61, ago. 1942; “Inspiração”, nº 63, maio 1943; “Regina Pacis”, nº 51, set. 1940. Há, além destas colaborações poéticas, outras na forma de opiniões sobre artistas e autores, entre eles Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes. Nos números de homenagem a Carlos Drummond de Andrade (56, jul. 1941) e a Jorge de Lima (70, dez. 1948) foram publicados os textos aqui recuperados.